

Educação e representações: configurações em rede na mídia e no ambiente¹

*Rossano André Dal-Farra**

Resumo: A mídia impressa de grande circulação veicula, freqüentemente, matérias sobre a importância da preservação de animais sob risco de extinção, com especial atenção às ações do ser humano nesse sentido. Nesses textos, encontramos reincidentes referências aos ícones dos movimentos de conservação ambiental, como alguns mamíferos. Mais recentemente observamos, também, um crescente olhar de preocupação com as espécies locais, junto à utilização de um expressivo aparato tecnológico a serviço das ações em defesa do ambiente, incrementando o discurso referente à necessidade da participação de todos na grande rede global em que vivemos e onde coabitamos com as diferentes espécies de animais com grandes implicações no âmbito escolar.

Palavras-chave: Animais, educação, mídia.

Abstract: The printed media of great circulation frequently propagates reports about the importance of the preservation of endangered animals, with special attention to the human being's actions in this sense. In these texts, we find repeated references to the icons of the movements for environment preservation, such as some kinds of mammals. We have recently noticed an increasing concern with the local species, as well as the use of a great technological apparatus in actions in defense of the environment, improving the discourse about the necessity of participation in the great global net we all live in and share with the different species of animals, with several implications in the educational scope.

Key words: Animals, education, media.

Introdução

Todos nós, em maior ou menor grau, em diferentes circunstâncias, realizamos ações que se fundem a uma complexa teia de acontecimentos e de pessoas. Nossos atos repercutem no todo, como nos sistemas caóticos, estudados em diferentes

* Professor e pesquisador da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA/RS). rossanodf@uol.com.br

1. Parte integrante da tese de doutorado do autor no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS em 2003, orientado por Rosa Maria Hessel Silveira na Linha de Pesquisa Estudos Culturais em Educação. O presente artigo também se insere no Projeto Integrado de Pesquisa "Textos, discursos e identidades em educação", apoiado pelo CNPq.

ramos da ciência, em que pequenas alterações nas condições iniciais podem significar grandes transformações com o decorrer do tempo. Por essa razão, são muito oportunas as campanhas de conscientização que visam atribuir a todos a co-responsabilidade pelos problemas atuais, por abordar um princípio que deveria ser o norteador da busca de soluções para nossas dificuldades, ou seja, o fato de que todos fazemos parte de uma grande rede, estando conectados com os mais diferenciados recantos da vida contemporânea.

Quando focamos as grandes questões que têm desafiado a humanidade, observamos que as proposições envolvendo soluções isoladas, visando sanar problemas pontuais, até produzem resultados favoráveis, embora estes, muitas vezes, sejam transitórios. Os novos dilemas que enfrentamos já surgem complexos e, portanto, necessitam de soluções abrangentes, como a preservação do ambiente, por exemplo. Dessa forma, os programas atuais de conservação ambiental e desenvolvimento sustentável já nascem com o foco amplamente aberto, buscando envolver uma grande rede de ações.

Neste cenário, observamos que a mídia, também configurada como uma grande rede, desempenha um papel importante na veiculação de campanhas de preservação de animais sob risco de extinção. Nessa perspectiva, o foco deste texto consiste na abordagem do tema através de matérias jornalísticas presentes na mídia contemporânea. Nas análises realizadas para este trabalho foram encontradas reiteradas reportagens veiculando a preocupação com a extinção de determinadas espécies animais em todo o mundo. Com um discurso diretamente ligado a um “mea culpa” antropocêntrico, espécies longínquas ao nosso meio iconizam a destruição do ambiente pelo ser humano, caracterizando-se como símbolos de movimentos em defesa dos animais pelo mundo, como grandes felinos selvagens, pandas, coalas, esquilos e outros. Entretanto, a inserção crescente do discurso ecológico engajado na situação local, traduzida em matérias da mídia, chama a atenção para as espécies mais próximas a nós, que muitas vezes são esquecidas, como pássaros, roedores e outros mamíferos que vivem em regiões adjacentes às nossas cidades, ou seja, nas malhas da rede, próximas a nós. Nesse contexto, a amplitude de alcance dos textos midiáticos faz com que as representações de animal veiculadas cheguem até os espaços escolares.

Os animais e a mídia

O mundo viveu uma importante revolução cultural no século XX. As atividades, as instituições e as práticas culturais expandiram-se para além do conhecido. A cultura tem assumido uma função muito importante em relação à estrutura e à organização da sociedade, aos processos de desenvolvimento do meio ambiente global e à disposição de seus recursos econômicos e materiais. Os meios de produção,

circulação e troca cultural têm se expandido através das tecnologias e da revolução da informação. A mídia é parte crítica na infra-estrutura material das sociedades modernas e um dos principais meios de circulação das idéias e imagens vigentes nestas sociedades. Hoje, a mídia sustenta os circuitos globais de trocas econômicas, dos quais depende todo o movimento mundial da informação (HALL, 1997, p. 17). Os meios de comunicação adquiriram uma grande autonomia e uma dinâmica institucional própria, inclusive com o reconhecimento dessa força pela sociedade (McQUAIL, 1998, p. 95). Sua expansão e o avanço tecnológico nesta área permitiram a popularização da informação através dos serviços locais de informação, tornando os processos de comunicação acessíveis a diferentes instituições (MURDOCK, 1998, p. 174-175).

Tal popularização, junto à maior facilidade de veicular informações por diferentes meios, como a Internet, permite o acesso à divulgação de vozes que antes tinham poucas chances de apresentar as suas idéias, como os movimentos de defesa dos animais, por exemplo, cada vez mais presentes nas produções midiáticas com visíveis repercussões no âmbito escolar.

E, ao circular no mosaico de informações dos nossos dias, os textos veiculados pela mídia são mediados por outros textos, sendo quase impossível saber qual será exatamente o texto capturado pelas pessoas, já que ele está sempre se deslocando e se articulando com outros textos que se vinculam a ele (MORLEY, 1998, p. 429).

A cultura da mídia disponibiliza imagens e figuras com as quais o público se identifica. Apresentando tais posições de sujeito, são valorizados determinados tipos de comportamento, em detrimento de outros (KELLNER, 2001, p. 307). Os meios de comunicação de massa ajudam as pessoas a visualizar a sociedade e a sentirem-se conectadas a ela, fornecendo um sentido aos seus processos através do compartilhamento de significado (ALEXANDER, 1981, apud CURRAN, 1998, p. 201). Dessa forma, a produção de significados e a constituição de sujeitos colocam na mídia o papel não apenas de veiculadora, mas também de produtora de saberes e formas especializadas de produzir sujeitos, assumindo uma nítida função pedagógica (FISCHER, 1997, p. 61).

Tal participação midiática também pôde ser observada em relação às alterações nos referenciais culturais a respeito dos animais. Inicialmente, as produções da mídia apresentavam os animais selvagens como um meio de entretenimento, seja presente nas aventuras de crianças e em livros ilustrados de histórias, seja no cinema ou nos programas populares de televisão (FRANKLIN, 1999, p. 43).

Nos últimos anos, vemos, por exemplo, o jornal *UK Times* apresentando uma coluna sobre animais de estimação, abordando desde culinária até cuidados específicos com a saúde deles (FRANKLIN, 1999, p. 5), algo observado também nos jornais brasileiros.

Em 1960, a BBC passou a tratar dos animais selvagens como passíveis de extinção, ou em perigo, devido à ação do ser humano, focando mais detidamente as ações ecológicas e tornando impossível a separação dos animais selvagens dos interesses globais humanos. Apesar do sentimentalismo presente nesses apelos, o privilégio à busca do progresso favorecia a exploração dos animais (FRANKLIN, 1999, p. 45); entretanto, em décadas posteriores, foi possível observar, crescentemente, um olhar mais empático aos animais e às suas condições de vida (FRANKLIN, 1999, p. 35). É neste contexto de inserção da mídia na grande rede global/local na contemporaneidade, que vemos a maior visibilidade que ganham as ações de preservação ambiental no âmbito cultural, perpassando os diferentes recantos da vida atual.

Ícones de preservação

O interesse das grandes agências de notícias pela preservação de animais conhecidos internacionalmente é reproduzido, em muitas ocasiões, pela mídia local. Nos textos analisados para este estudo, foram observadas repetidas menções aos perigos a que estão expostos esses animais, referindo-se especialmente aos prejuízos decorrentes da caça e da degradação das áreas nativas. Os esforços de preservação de animais “fofinhos” e peludos representam uma face à mostra do antropomorfismo presente nas ações de preservação ambiental. Entretanto, devemos reconhecer que a divulgação das atividades e da preocupação, por parte das grandes organizações internacionais, com espécies em extinção tem veiculado e expandido o discurso de preservação animal, refletindo-se nas espécies e ecossistemas locais. Tal discurso ganha força e se insere nas representações “locais” de animal, chamando a atenção para as ações de conservação ambiental, já que a inclusão dos pandas, coalas, esquilos e alguns primatas representados em fotografias na mídia impressa modifica as representações de animal. Essa mudança é reforçada, também, pela fabricação e divulgação de uma série de produtos dedicados ao público infantil, como brinquedos, material escolar e animais de pelúcia, além dos apelos midiáticos pela preservação ambiental auxiliando as ações ecológicas. Todos esses fatores geram um movimento que sinaliza um dos objetivos de algumas organizações destinadas a esse fim, qual seja: pense globalmente e aja localmente.

Os projetos de preservação de espécies com risco de extinção têm sido auxiliados pela inclusão de tecnologias de reprodução animal, de etologia e de nutrição animal, como pode ser visto na reportagem de uma revista de grande circulação nacional, veiculando, em página inteira, as técnicas reprodutivas a favor da preservação de águias e de felinos como a onça-pintada².

2. A águia de proveta (*Revista Veja*, 6/6/2001, p. 98).

Anunciando o potencial da inseminação artificial e lembrando a eficiência da referida técnica em animais de produção, o procedimento é considerado como uma arma para a preservação dos animais, tais como a águia, o panda-gigante, o tigre-de-bengala, a jaguatirica e o gorila-da-montanha.

Observa-se a valorização dos preceitos tecnológicos a serviço da proteção ambiental, invertendo o discurso de aversão à tecnologia como um dano ao meio ambiente, e incorporando técnicas à disposição para obter o sucesso na preservação dos animais. O ser humano moderno, dotado do “poder” conferido pelo conhecimento e pela ciência, utiliza os meios de que dispõe para salvaguardar o ambiente, em consonância com a crescente sensibilidade em relação a ele, no que concerne aos animais em perigo de extinção³.

No decorrer do século XX, as próprias ações em defesa dos animais sofreram alterações e modificaram as suas estratégias para que alcançassem a opinião pública de forma mais eficiente. Conforme Harvey (1992, p. 324-325), após a segunda metade do século XX, os movimentos ecológicos ganharam um caráter internacional, globalizando-se através das condições de possibilidade proporcionadas pela compressão espaço-tempo. Mais recentemente é possível observar um maior cuidado com as espécies locais, tendência repercutida midiaticamente, com matérias a respeito de parques, florestas, rios e animais próximos aos centros urbanos.

Olhar ao redor

Com a expansão do discurso ecológico nos produtos midiáticos nas últimas décadas, houve, recentemente, a inclusão de ecossistemas locais em matérias jornalísticas que apresentam espécies que, outrora, figuravam com maior frequência em produtos editoriais de âmbito técnico, destinados a especialistas.

Em matéria publicada em jornal da cidade de Canoas, no Rio Grande do Sul⁴, podemos verificar a detalhada descrição de um local de preservação ambiental próximo ao centro urbano. Em destaque, ao lado do texto, há um quadro com a lista de animais presentes no parque e que se encontram em risco de extinção, como o gambá, a lontra, o guaxinim, a capivara e o rato-do-banhado, acompanhados do seu nome científico e da sua descrição.

Esses ecossistemas locais são geralmente muito pouco conhecidos pelo público em geral, talvez mais familiarizado com áreas de preservação mais divulgadas na

3. A referência a essas pesquisas permite lembrar o papel relevante que o desenvolvimento de tecnologia reprodutiva com animais desempenhou na reprodução humana, sendo importante, ainda, ressaltar o trabalho realizado no Brasil em áreas correlatas, em que muitos grupos de pesquisa desenvolvem pesquisas bem sucedidas nas áreas da Reprodução e da Genética.

4. Uma ilha no território de Canoas (*ABC Domingo*, 6/1/2002, p. 7).

grande rede global de informações, como o Taim, no Rio Grande do Sul; Abrolhos; ou até mesmo o Parque das Sequóias, nos Estados Unidos. Entretanto, tal divulgação jornalística, em consonância com a valorização do “olhar ao redor”, permite que tenhamos mais interesse por aqueles locais pelos quais passamos diariamente, sem vislumbrar ali um “mundo” rico de flora e fauna. O direcionamento de reportagens para ecossistemas locais traz uma perspectiva diferente ao olhar que construímos em relação aos locais onde vivemos, que vai sendo incorporada aos discursos de preservação do ambiente. Mesmo considerando importante conservar o distante panda, verificamos o mesmo com mamíferos e aves locais, antes freqüentes alvos de caças e capturas em atividades de lazer.

A respeito de uma área próxima à zona metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, uma matéria de um caderno destinado à divulgação científica de um jornal⁵ demonstra a preocupação com a extinção dos animais silvestres da fauna local. A menção a espécies como a coruja-do-mato, cervo-do-pantanal, o curiango-do-banhado e o jacaré-de-papo-amarelo procura retirar o véu que cobre os ambientes locais e que dificulta as ações de conservação da fauna e da flora, como apropriadamente aparece no texto:

Quem trafega pela *free-way*⁶, se olhar pela janela do carro, ora à direita, ora à esquerda, verá infindáveis plantações de arroz. Há pouco mais de meio século, praticamente toda aquela área era um banhado. Dentro da diversidade da Bacia do Rio Gravataí, que registra áreas urbanas, campos, matas, lavouras e pontos de solo descoberto, os banhados ocupam posição central como hábitat de espécies raras como o cervo-do-pantanal e o jacaré-de-papo-amarelo.

Diferente de lugares para nós “exóticos”, como a savana africana, ou mesmo o interior da floresta amazônica, com grande visibilidade na mídia, a crescente veiculação do discurso ecológico na mídia impressa local aborda as espécies que vivem próximas às nossas cidades. As ameaças representadas pela ocupação humana, freqüentemente referidas no texto, colocam o ser humano na posição central do processo de alteração do ambiente natural. Outra menção importante diz respeito à passagem, pela Bacia do rio Gravataí, do naturalista francês Saint-Hilaire, cujas descrições, datadas do século XIX, procuram trazer à lembrança a forma como se encontrava a região antes da ocupação humana, retratando o papel nocivo da civilização ao ambiente. Ao se inserir o ser humano como partícipe do processo de

5. Abrigo selvagem (*Zero Hora*, 10/6/2002, Caderno Eureka, p. 1 – capa – e p. 6).

6. Refere-se à rodovia BR-290.

extinção dos animais, verifica-se o crescente discurso de misantropia como motor dessa prática.

Misantropia refere-se a uma antipatia contra a espécie humana, considerando-a uma ameaça para a preservação dos animais. Na mídia, isso pode ser observado com personagens de desenhos animados, mostrando que os animais são bons e pacíficos, ao passo que os homens são traiçoeiros e cruéis (FRANKLIN, 1999, p. 54).

Por outro lado, Descola (1998, p. 23-24) afirma que, mesmo havendo, por parte da mídia, uma grande reprovação da violência contra os animais — que vai além dos animais de estimação e dos outros que coabitam com o ser humano no cenário urbano —, as atitudes de simpatia para com os animais se apresentam de forma diversificada, de acordo com as culturas locais. Os mamíferos ocupam neste cenário um lugar especial, mesmo em se tratando de animais aquáticos, instância em que os peixes são menos considerados que os golfinhos, embora ambos sejam companheiros de uma mesma rede de pesca.

A intersecção dos aspectos referentes à preservação do ambiente com as necessidades locais dos habitantes de uma região pode ser bem ilustrada em outra reportagem, a respeito de um programa realizado no México, que envolveu alterações nas práticas de agricultura dos moradores locais e a conservação da borboleta monarca. A matéria, apresentada em caderno de divulgação científica⁷, apresenta o sucesso do empreendimento através da lembrança de que os agricultores, que temiam abandonar práticas tradicionais de manejo da lavoura, foram convencidos, posteriormente, dos benefícios das técnicas, como alude o próprio título da matéria “Bom para o ser humano, bom para a borboleta”. Reitera-se, assim, o discurso de análise global do ambiente, que coloca o ser humano como parte do processo e da importância do desenvolvimento sustentável nas ações ambientais. Assim, o fator humano, mais do que algoz, passa a ser considerado um elemento na grande rede ambiental. Não apenas um causador de dano, mas também um agente catalisador de ações regeneradoras. Dessa forma, percebemos o quanto é rico o ambiente em que vivemos e quão importante é cada espécie animal para a ampla rede global, inclusive a nossa própria espécie que, além de ser um componente importante nas conexões com o ambiente, é o motor da rede de informações que chega até nós a cada dia.

Reflexões conclusivas

Em meio a esta grande rede de informações e discursos a respeito dos animais, vemos, em uma perspectiva mais ampla, a questão da extinção como um aspecto importante da vida contemporânea. Espécies de animais, sejam elas ícones globais

7. Bom para o ser humano, bom para a borboleta (*Zero hora*, 22/7/2002, Caderno Eureka, p. 8).

ou talentos locais, aparecem em profusão em textos midiáticos, produzindo representações de animal culturalmente significativas, circulando em textos didáticos e tomando parte em atividades diversas realizadas na escola. E, nesta grande rede, notamos que, do interior da própria sociedade, surgem os remédios para os problemas que ela própria, como rede, produz. E, se não somos responsáveis por todas as coisas que acontecem no mundo, também não estamos livres de responsabilidade sobre tudo e sobre todos que nos cercam.

Referências bibliográficas

- CURRAN, J. Repensar la comunicación de masas. In: CURRAN, J., MORLEY, D., WALKERDINE, V. *Estudios culturales y Comunicación*. Barcelona: Paidós, 1998.
- DAL-FARRA, R. A. *Representações de animal na contemporaneidade: uma análise na mídia impressa*. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.
- DESCOLA, P. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. *Estudos de Antropologia Social*, v. 4, n. 1, p. 23-46, abr, 1998.
- FISCHER, R. M. B. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. *Revista Educação e Realidade*, v. 22, n. 2, p. 59-79, jul/dez, 1997.
- FRANKLIN, A. *Animals & modern cultures – A sociology of Human-Animal Relations in Modernity*. London. Sage, 1999.
- HALL. S. A centralidade da cultura. *Revista Educação e Realidade*, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul/dez. 1997.
- HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- KELLNER, D. *A cultura da mídia*. Bauru: EDUSC, 2001.
- McQUAIL, D. Se precisa ayuda de una política normativa: con buena disposición y capaz, culturalistas de los medios de comunicación soliciten información, por favor. In: FERGUSON, M. E GOLDING, P. (eds). *Economía política y estudios culturales*. Barcelona: Bosch Casa Editorial, 1998. p. 95-120.
- MORLEY, D. Populismo, revisionismo y los “nuevos” estudios de audiencia. In: CURRAN, J., MORLEY, D., WALKERDINE, V. *Estudios culturales y Comunicación*. Barcelona: Paidós, 1998b. p. 417-437.
- MURDOCK, G. Comentarios de base: las condiciones de la práctica cultural. In: FERGUSON, M. E GOLDING, P. (editores). *Economía política y estudios culturales*. Barcelona: Bosch Casa Editorial, 1998. p. 161-183.